

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 526	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. torte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE AGOSTO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável, Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



«FLOR DE LA MAR» projecto do sr. Antonio Augusto da Costa Motta — 1.º Premio

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

Patria é a legenda do modelo, primeiro que vamos apreciar. É seu auctor, segundo se verificou depois, o conhecido escultor sr. Rato. Este modelo consta de um pedestal quadrado encimado por uma cupula semelhante á da torre, que modernamente construíram nos Jeronymos. Sobre esta cupula a estatua de bronze de Affonso d'Albuquerque tendo a mão direita na espada e a esquerda segurando um mappa. Dos quatro angulos do pedestal saem quatro misulas que servem de base a quatro estatuas sentadas sob baldaquinos rendilhados.

As estatuas representam o Genio, a Força, o Valor e a Justiça.

Nas quatro faces do pedestal, mettidos em molduras, vêem-se quatro baixos relevos representando: Tomada de Malaca; Entrada de Affonso d'Albuquerque em Gôa; Destruição da armada do rei de Ormuz; Destruição de Malaca.

O monumento assenta sobre um plano guarnecido de uma balaustrada aberta ao meio de cada um dos quatro lados, por degraus que dão accesso ao monumento.

Chamaram ao estylo d'este monumento, manuelino, e parece que foi essa a intenção do seu auctor, é preciso, porém, dizer que não a realizou, embora o conjuncto seja agradável á vista, com respeito á decoração, que quanto á forma tem bastante de tumular.

O sol nasce para todos é a legenda do modelo do sr. Leandro Braga e Gaspar professor da Academia. Compõe-se este na base de dois corpos ligados por gigantes que tem por remate as espheras armilares. Das faces lateraes saem prós de galeões e das posterior e anterior attributos de guerra e de marinha. Sobre esta base assenta o pedestal quadrado destacando-se na face anterior uma figura em bronze representando o Genio Nacional empunhando a bandeira portugueza. Sobre este pedestal ainda um plinto ornamentado em volta elevando-se dos angulos uma especie de corcheus. Nos apainelados d'este plinto lêem-se inscrições. Sobre isto ergue-se uma columna cercada de columnellos floreados e rematada por um capitel sobre o qual assenta a estatua do heroe em attitude nobre.

Parece que o auctor tambem quiz seguir o estylo manuelino, n'este seu projecto, mas, fazendo um conjuncto bonito, não lhe deu o cunho d'aquella architectura nem na parte decorativa nem na architectonica.

Sempre: ela patria é a legenda do projecto a seguir e que pertence ao sr. Pequito e Casimiro, architecto.

Não é facil classificar o estylo d'este projecto que entretanto tem muitas reminiscencias do monumento de D. Pedro IV em Lisboa. Base, pedestal e columna são muito semelhantes áquelle monumento, com a differença que as estatuas que n'aquelle estão sentadas, estão n'este projecto, em pé e representam o Patriotismo, a Perseverança, a Astronomia e a Navegação. Na columna, em canelluras, enrosca-se uma palma de bronze. A estatua corôa o monumento. Aos lados da base e sobre dois pequenos pedestaes descansam dois leões symbolos da força. Este projecto pareceu-nos o mais fraco de todos pela sua pouca originalidade.

O projecto que segue tem por legenda estes versos de Camões:

*Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egyptia Santa Catharina.*

É de uma grande simplicidade, ou quasi pobreza a architectura e decoração d'este projecto do sr. Alberto Nunes. Sobre um pedestal de quatro degraus o envasamento d'um plinto quadrado em estylo renascença muito singelo. Quatro baixos relevos preenchem parte das faces do plinto, representando: a tomada de Gôa; a tomada de Malaca; Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador da Persia, em Ormuz; o desembarque do cadaver de Affonso d'Albuquerque, em Gôa. São bem escolhidos estes factos historicos da vida do heroe e superiormente bem compostos estes quadros. A estatua que encima o monumento representa Affonso d'Albuquerque protegendo a India representada na figura de uma indiana que ajoelha a seu lado. A historia está n'e-te monumento perfeitamente estudada, mas a concepção artistica é que não tem o brilho e aparato que convem n'um monumento heroico, devido talvez ao receio de exceder o orçamento.

Ariepes Sotnas, legenda do projecto do sr. Pereira Santos que passamos a apreciar. É de bom

aspecto ainda que as boas regras de architectura não estão observadas com o rigor que é mister. Sobre uma base de degraus, um pedestal quadrado tendo em volta um baixo relevo de bronze, representando passagens da vida do heroe da India. Sobre a escadaria, e, em frente dos angulos do pedestal vêem-se peças de artilheria montadas. Do pedestal erguem-se quatro columnas em canelluras com suas bases e capiteis sobre que assenta um motivo architectonico com a estatua de bronze, em attitude espectacular, pondo uma perna sobre o globo terraqueo e apontando com o dedo para o ponto da Asia. Na frente do monumento e entre as columnas avulta a figura da Historia.

Portugal é a legenda com que o sr. Teixeira Lopes distinguíu o seu projecto, que consta d'uma columna bastante grossa assente sobre um pedestal simples e circundada por um grupo de figuras alegoricas, em alto relevo, grupo que tem as suas reminiscencias do grande arco da Estrella em Paris e do monumento de D. José I da Praça do Commercio, de Lisboa. É arrojada a concepção e impressiona, mas analysando-a serenamente, reconhece-se logo que não tem grande relação com o heroe a quem o monumento é dedicado. Completa este projecto a estatua muito baixa e obessa que pousa sobre a columna. Ha ainda aos dois lados do pedestal dois leões que descansam em seus plintos paralelepipedos. Uma cortina ameada fecha o recinto que figura a esplanada de uma fortaleza em que se ergue o monumento, apenas aberto na frente por uma escadaria que lhe dá accesso.

A patria honrae legenda do projecto do sr. Simões d'Almeida. A primeira parte do pedestal é toda revestida de pyramides quadrangulares semelhantes ás da Casa dos Bicos, que se diz ter mandado fazer o filho de Affonso d'Albuquerque á borda do Tejo, hoje Ribeira Velha. No segundo corpo que forma o pedestal de quatro faces, ha quatro baixos relevos representando: submissão de Ormuz; Conquista de Malaca; a morte de Affonso d'Albuquerque; e esta a moeda com que *El Rei de Portugal paga aos soberanos estrangeiros os tributos*, etc. Estes baixos relevos são mettidos em molduras muito semelhantes aos arcos que se vêem nos tumulos dos infantes, na Batalha, e com suas pilastras nos angulos.

Sobre este pedestal ergue-se um plinto ameado na parte superior e sobre este a estatua que é das mais bem feitas que se vêem em todos os projectos. Aos dois lados do pedestal estão dois grandes elephantes que fazem como que a guarda do monumento. A parte architectonica d'este projecto não é isenta de defeitos.

Flôr de la mar é a legenda do ultimo projecto que passamos a descrever e que pertence ao sr. Motta, um novo escultor que concluiu o curso ha dois annos, na Real Academia de Bellas Artes.

É de verdadeiro estylo manuelino, perfeitamente estudado e sentido. A base é de forma octogonal e n'ella principia logo o rendilhado d'aquelle estylo architectonico e decorativo. Este octogono tem quatro faces reintrantes e quatro salientes. Nas salientes assentam-se as figuras do Valor Militar, Patria, Politica e Justiça, todas com suas azas que ajudam a decorar e ligar o segundo corpo. Dos pedestaes em que assentam estas estatuas saem cabeças de elephantes. Neste corpo e nas suas faces reintrantes ha quatro baixos relevos que desenharam os seguintes quadros historicos da vida de Affonso d'Albuquerque: Os governadores de Gôa entregando as chaves da cidade a Affonso d'Albuquerque; Derrota dos mouros na ponte de Malaca; Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador do rei de Narsinga; *E' esta a moeda*, etc.

No segundo corpo vêem-se outros quatro baixos relevos representando naus e galeões alludindo á descoberta da India. Sobre este pedestal ergue-se como que uma columna formada por outras columnas em cordas e flôres sobrepostas, de puro manuelino, como se vêem nos Jeronymos, rematadas por espheras armilares. Coroando este conjuncto bello e harmonico a estatua em bronze de Affonso d'Albuquerque em attitude nobre e levantada.

Eis, em rapida descripção, os oito projectos de que a comissão teve que escolher um e premiar os dois seguintes mais votados.

Foi no dia 11 do mez que acabou que a comissão reuniu para effectuar a sua escolha, na Real Academia de Bellas Artes.

A sessão foi demorada, prolongando-se das tres e meia até ás seis e meia da tarde. Compareceram todos os membros, sendo seis da comissão testamentaria e tres representantes das sociedades scientificas. São os srs. conselheiro Barros Go-

mes, dr. Holtreman, dr. Hopffer, Annibal Campos, Costa Novaes e Antonio José de Seixas; Victor Bastos, da Real Academia de Bellas Artes; Sousa Monteiro, da Academia Real das Sciencias; Luciano Cordeiro, da Sociedade de Geographia de Lisboa.

A votação foi nominal e aberta, sendo todos os modelos approvados em merito absoluto. Em merito relativo teve o 1.º premio por unanimidade, o modelo cuja divisa é *Flôr de la mar*. E' seu auctor o escultor sr. Antonio Augusto da Costa Motta. Canteiros, os srs. José Guilherme Correia & Irmão. Não recebe dinheiro porque o premio consiste, n'este caso, na adjudicação da construcção do monumento.

O 2.º premio, 300,000 réis, foi concedido igualmente por unanimidade, ao modelo cuja divisa é *A Patria honrae*. E' seu auctor o distincto professor de escultura, sr. Simões de Almeida; architecto, o sr. Julio Cesar Bizarro.

O 3.º premio, 200,000 réis, foi tirado á sorte pelos modelos que tem estas divisas: *Portugal, Patria, O sol nasce para todos*. Coube a sorte ao primeiro, que é do escultor Teixeira Lopes e do architecto Marques da Silva.

São estes tres projectos que o OCCIDENTE hoje reproduz nas gravuras das paginas 169 e 172.

A decisão do jury foi bem recebida, em geral, pois o projecto preferido é aquelle que mais preferencias teve do publico que visitou a exposição, preferencias plenamente justificadas porque é o que reúne mais predicados que satisfazem ao fim a que é destinado.

Por fortuna a politica não se mettu n'este concurso, todo particular, e por isso a resolução do jury foi tão justa e independente, e pôde haver a confiança de que a obra vá em bem até ao fim para gloria da arte portugueza e dos homens que superintenderam n'estes trabalhos.

O monumento deve custar 34 000,000, aproximadamente a quarta parte do que custou o monumento de D. Pedro IV, de Lisboa, feito por conta do Estado, tendo este muito menos trabalho do que o que se vae agora fazer.

E' destinado á praça de D. Fernando, em Belem, cujo nome nos parecia bem ser agora mudado para praça de Affonso d'Albuquerque.

Ficará collocado no lugar em que d'antes era o caes de embarque, e que hoje, com os grandes aterros que se estão fazendo nas obras do porto de Lisboa, fica mais de cincoenta metros a dentro da margem do rio.

C. A.



AS NOSSAS GRAVURAS

O VERÃO

QUADRO DE A. TRENTIN

Varios pintores antigos e modernos tem pintado alegorias ás estações do anno, em que affirmam os dotes da sua imaginação phantasiosa.

Conforme as epocas assim essas alegorias tem vindo desde as nymphas e deusas, mythologicas até ao prozaismo d'estes tempos, em que as alegorias já não tem aquelles ideaes poeticos d'outras eras e se contentam com sujeitos de casaca ou de blusa ou com as *toilettes* da ultima moda das damas mais ou menos gentis.

É assim que Trentin concebeu a sua alegoria do Verão, n'uma simples menina colhendo flôres no regaço ajudada por um pequenino amor que lh'as offerece, na mais innocente intenção, pois descança a seus pés a flecha e aljava, porque acha talvez ainda cedo para a ferir.

O conjuncto do quadro é gracioso e traduz bem a estação calmosa a que se refere.

A INDUSTRIA DAS RENDAS

Ao Ill.º Ex.º Sr. Dr. Jayme Mauperrin Santos

V

As rendas em Portugal. A escassez de subsidios para a sua historia. O folheto, raro, sobre as rendas de Peniche, publicado em 1865, escripto pelo benemerito Pedro Certantes de Carvalho Figueira.

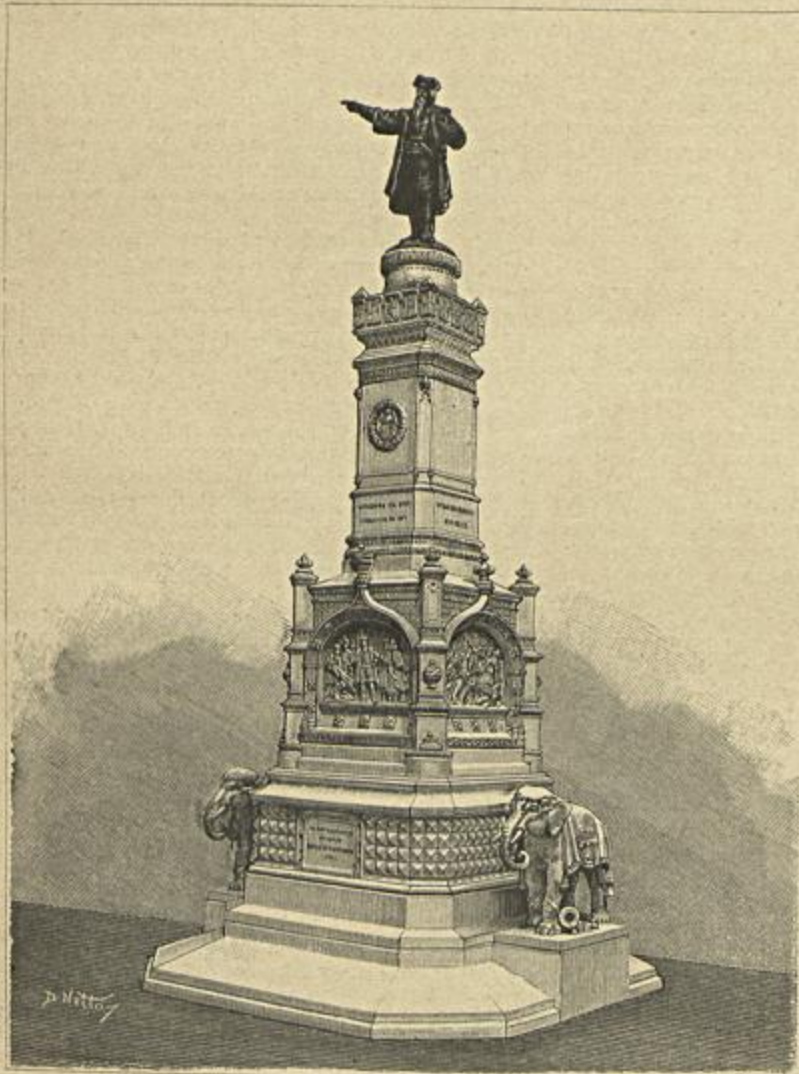
Somos chegados á parte verdadeiramente interessante, para nós, aquella, em que temos de tratar da industria das rendas de Portugal. Euscá-

mos e indagámos, mas, com pequena utilidade. D'alguns livros soubemos, tratarem, já accidentalmente, já demoradamente, d'este assumpto mas não nos foi facil, nem possível, consultal-os.*

E, tambem, a bibliographia não nos falla em muitos trabalhos litterarios sobre a industria das rendas em Portugal. Comtudo, ha uma excepção honrosissima a fazer a um cavalheiro que escreveu um pequeno folheto, hoje tão raro que a Bibliotheca Nacional o não possui e o filho do proprio auctor tambem não. Foi impresso em 1865 e graças ao erudito senhor Joaquim de Vasconcellos, antigo e proficiente redactor da *Revista da Sociedade de Instrução* do Porto, nós encontrámos n'essa util revista, uma transcripção completa do rarissimo folheto, para nós tão valioso. Esse folheto trata das rendas e da pesca em Peniche, abstrahimos, pois, a parte da industria da pesca, que, por agora, nos não interessa.

taes, que custaram aos infelizes, que d'ellas tiram o pão quotidiano. Qual é a senhora elegante que adornando-se d'um mantelete ou vestido de rendas, pensou nunca no tecto humilde que as cobriu e na mulher pobre que as fabricou?... Que feliz desposada, contemplando as mimosas rendas do enxoval, imaginou sequer o tempo que levaram a uma infeliz fabricante e o mesquinho salario que por ellas recebeu?... Achando-se já publicadas curiosas noticias relativas á fabricaçãõ de diferentes artefactos e industrias do nosso paiz, seja-nos permittido juntar a esses bem elaborados trabalhos artisticos uma informação mal coordenada, posto que exacta, da industria e fabricaçãõ de rendas de Peniche, na esperança de que seja lida com interesse, por serem pouco conhecidos os uzos e costumes da gente que, n'ella se emprega, e possa concorrer talvez para levantar-a da deploravel decadencia e abatimento em que se acha.

da renda de seda preta denominada *Chantilly*, mas todas feitas á mão na almofada com bilros*. Pelo recenseamento da população de Peniche em 1862, que consultámos, deve esta villa conter 1:443 mulheres de todas as idades; deduzindo d'este numero a terça, que, ou por abastadas, por infantes ou por doentes, não precisam ou não podem fazer renda, restam 962, que se empregam constantemente no seu fabrico. Os utensilios que se empregam aqui para o exercicio d'esta industria consistem n'uma almofada, portatil, cylindrica, cheia de palha de trigo forrada ordinariamente de panno de linho ou de algodão de côr encarnada, perfurada de lado a lado por uma abertura tambem cylindrica; n'um cesto de verguinha, ou n'um banquinho pintado, que serve de pedestal á almofada; nos piques de cartão côr de açafraõ, ou moldes da renda n'elles riscada, e perfurados nos sitios em que se hão de armar os



«A PATRIA HONRAE» projecto do sr. Simões d'Almeida e Julio Cesar Bizarro, architecto — 2.º Premio



«PORTUGAL» projecto do sr. Teixeira Lopes e Marques da Silva, architecto — 3.º Premio

MONUMENTO A AFFONSO D'ALBUQUERQUE

(Copia de photographias do sr. Camacho)

Entretanto, primeiramente, devemos dividir Portugal em cinco *zonas rendíferas*, isto é, citar e tratar dos lugares em que se fabricam rendas com maior fama: Peniche, Olhão, Setubal, Vianna e Horta. Começaremos, pois, por Peniche e portanto falla o sr. Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, auctor do pequeno livrinho que tem por titulo:

NOTICIA E INFORMAÇÃO
Á CERCA DO ESTADO ACTUAL (1863) DA INDUSTRIA
DAS RENDAS DE PENICHE

I

Os ricos e os opulentos, que se enfeitam com as obras mais delicadas da industria, não sabem muitas vezes de que tristes e humildes domicilios sahiram, e as vigílias penosas, e as angustias mor-

* Para o estudioso humilde ha, na Bibliotheca Nacional, tres especes de livros cuja consulta lhe é menos facil: os do gabinete do sr. Bibliothecario-mór, os reservados e os que estão fóra da leitura, alguns dos que desejavamos consultar e estudar, estavam, precisamente, n'estas tres divisões.

II

Por maiores diligencias que fizemos para descobrir algum documento que nos esclarecesse, sobre a época da introdução d'esta industria em Peniche não nos foi possível encontral-o. Recorremos depois ás informações de pessoas de idade avançada, mas não fomos mais felizes, porque nada sabiam com certeza. Apenas nos diziam que já suas mães faziam rendas, e umas senhoras, irmãs, que contam mais de oitenta annos cada uma, a quem perguntámos se alguns dos seus antepassados lhes fallava em rendas, responderam-nos: «Sim meu senhor; já nossa tia Francisca, irmã de nossa avó, nos mostrava piques de rendas, que tinha feito em menina.»

III

A natureza, recusando aos habitantes de Peniche as riquezas agricolas, forçou os a buscar meios de subsistencia na pesca, e no fabrico das rendas do genero *Honiton*, ou na imitação de *Gupure* e

alfinetes nos bibros e nos alfinetes que se contam sempre ás duzias, na linha de seda, de algodão ou de linho, proprio para a obra que se premedita; finalmente n'uma thezourinha bem amolada e n'uma medida de metro ou vara. O buraco ou a abertura da almofada serve para lhe introduzirem as mãos, quando a querem levantar, e tambem para n'elle guardarem a thezoura, a linha, os oculos da fabricante se é velha, e a caixa do rapé. Os bilros das mais pobres são de madeira de pinho, das que podem um pouco mais, pau do Brazil (melhores, por serem mais pesados) e algumas ha que os tem de marfim.

IV

As mulheres de Peniche teem um modo particular de se assentar diante das almofadas para o fabrico das rendas; é um habito que adquirem

* Esta nota já a escrevi n'outro lugar (mais a mais é errado o que ella diz). Trata da classificação das rendas



O VERÃO
QUADRO DE A. TRENTIN



REVISTA POLITICA

Com o encerramento das camaras ficou a politica ás moscas e se não fosse o estafado caso de Badajoz, os jornaes não teriam assumpto para os seus artigos de fundo, virando e revirando por todos os lados a questão, descobrindo de cada vez uma nova phase, como a que descobriu agora, de que os republicanos não deviam occupar logares no funcionalismo official.

Esta novidade encontrada pelos jornaes monarchicos é d'aquellas que estão a pedir cinco réis.

Vão perguntar á França se ella tem ou quer lá funcionarios monarchicos a tratar dos seus negocios officiaes.

Não os quer nem por mais encapotados que elles sejam, porque emfim seguem aquella maximo de «quem não é por mim, é contra mim» e os seus governos ainda tem a força e a moralidade, precisas para fazer frente ao inimigo e o conter no devido respeito.

Entre nós dá-se exactamente o contrario. Quando o inimigo apparece, por mais irrisorio que elle seja, por mais convencionaes e industriosas que sejam as suas opiniões ou ideas politicas contrarias ás instituições, trata-se de o contentar com alguma benese, e se o sujeito é simplesmente um especulador alcança assim o premio da sua especulação, se é um sincero, um convicto, corrompe-se, desmoralisa-se e entra para o pagode geral.

E tudo isto se faz, porque afinal tão inimigos das instituições são os monarchicos que as exploram e as arruinam, como os republicanos que as querem tambem explorar, principiando por conspirarem contra ellas.

Aquí ha tempos um operario dirigiu-se a casa d'um alto personagem da politica e com a mais resoluta intimação disse-lhe que lhe desse para ali dinheiro ou que o matava, exactamente como um saltador de estradas.

Os jornaes deram noticia do caso, dizendo que o tal operario era um doido, mas o alto personagem deu algum dinheiro ao homem para se ver livre d'elle no momento, e depois, em vez de dar parte á policia do attentado de que ia sendo victima e requerer o castigo do delinquente, arranjou-lhe uma boa collocação.

Porque seria?!

Para isto só ha a resposta que um pobre homem, nos deu uma vez a uma pergunta que lhe fizemos sobre um negocio vulgar, mas pouco correcto, como agora se diz.

— Senhor ha coisas que não se podem explicar e outras que não tem explicação.

Por mais estranho que pareça o modo como encaramos ou apreciamos a discussão agora levantada a respeito de funcionarios republicanos, é, no entanto, uma verdade que tem a sua origem na corrupção em que tudo isto vae, porque casos como o que acima citamos não é singular e antes pelo contrario se succedem, embora por diversos meios, mas que todos tem o mesmo fundo e miram ao mesmo alvo.

E' a corrupção em toda a linha, explorando-se remechendo e chafardando no mesmo atoleiro sem que de lá possa sahir ninguem limpo.

Dissémos que o estafado caso de Badajoz é que está dando ainda assumpto para os artigos de fundo e, no entanto, outros assumptos havia que mais deviam interessar esses artigos, como seria a nova lei de contribuição industrial, que foi votada de afogadilho pelas camaras com todos os defeitos que a celeridade com que foi feita lhes deixou, e a nova lei do sello que é uma verdadeira rede de arrastar que tributa desproporcionadamente mais o pequeno commercio de que o grande.

Tem sido este o erro de todos os governos o agravarem os impostos ou criarem outros novos sem tratarem seriamente de fiscalisar e arrecadarem os existentes.

O resultado é que esses impostos chegam a opprimir a tal ponto o contribuinte que não tem artes de se furtar a elles, que lhe aniquillam a sua industria ou o seu commercio, diminuindo, portanto, a materia collectavel.

E não é coisa indifferente, n'um paiz como o nosso, matar qualquer industria por insignificante que ella seja, n'um paiz em que a matoria das suas industrias é vacilante, faltando lhe a rebustez que só o tempo dá como a arvore que leva muitos annos a criar antes que fructifique e dê basta sombra.

A protecção que n'este paiz se deve a industria,

deve estender-se a mais alguma coisa que criar materia collectavel para o Estado; é preciso fazer d'ella, como em toda a parte, a principal força da nação, deixar de ser uma coisa em que só as classes mais rudes ou mais desfavorecidas se empregam, para ser um campo aberto a um maior numero de individuos convidados pelas vantagens que ella lhes offereça.

Só assim se poderá ver, n'este paiz, a ambitionada manga de alpaca substituida pela desdenhada blouse. Só assim se desviará essa nefasta corrente do emprego-mania, n'este paiz da laranja, para o campo das artes e das industrias em que a actividade de uma duzia de blusas vale mais para a riqueza do paiz que todas as mangas de alpaca juntas.

Este e só este é o nosso mal, n'este paiz, que deixou de ter frades para ter legiões de funcionarios officiaes, como ainda não ha muitos tempos disse no parlamento um ex-ministro da fazenda, o sr. Marianno de Carvalho, se a memoria não nos falha.

E é tal a mania do emprego official, que, não obstante uma grande parte do funcionalismo official levar uma vida cheia de difficuldades, de privações até, pela exiguidade dos seus ganhos, ainda não deixou de haver centenas de pretendentes á vaga do mais insignificante logar, tendo-se quadruplicado o numero de empregados para dar umas miseraveis migalhas á cohorte de famintos que só na meza do orçamento vê o seu salvaterio.

Ainda não ha muito soubemos d'um caso curiosissimo que define esta mania ou denuncia a mandrice que sob ella se acoita.

Tratava-se de um artista que trabalhava em uma officina particular onde aufferia por mez uns setenta a oitenta mil réis.

Este artista foi trabalhar pela sua arte para uma repartição do Estado, em emprego que elle requereu com grande empenho, e cuja retribuição é de trinta mil réis por mez.

— Então você deixa de ganhar setenta mil réis para ir ganhar trinta.

— E' verdade, respondeu elle, mas que quer. Ali tenho aquelle ordenado certo e o futuro mais seguro, e além d'isso eu para ganhar cá por fóra os setenta mil réis ou mais, precisava trabalhar, e agora ganho trinta mas não faço nada.

Oh! incomparavel mandrice nacional a quanto chegás!

João Verdades.

A DANSA SERPENTINA

Todos os seculos são eguaes em annos, isto é logico, mas são tambem equivalentes em transformações conjunctas ao progresso. Assim, na dança, nos primeiros seculos, encontramos as dansas sagradas que são as mais antigas, e logo as profanas se lhe seguem.

David dansou deante da Arca; diz-nos a Biblia. A irmã de Moisés, segundo o que vemos nos livros santos, dançava muito bem. Sé nos voltamos para a mythologia depara-se-nos Therpsycore, a deusa da dança, criação gracil do espirito dos poetas.

A civilização no constante crear de necessidades, começou por dar e outhorgar á dança regras preceituaes que produziram por sua vez preconceitos e prejuizos. Os escriptores controversavam-se sobre diversos assumptos concernentes á dança e especialmente á utilidade d'esse exercicio gymnastico. Houve um que affiançou ser muito util; mas, conforme a constituição do dansarino; isto accrescentou elle, apoz as refutações d'um outro.

Vejamus mais, que os gregos tinham a dança como uma das prendas mais gentis, tanto que havia um compilamento de regras de bem dansar — *orkestiké*. Os italianos, os hespanhoes, os portuguezes, os francezes, são creadores de diversas dansas caracteristicas. a *tarantela*, o *salta-ello*, os *boleros*, os *fandangos*, as *seguidillas*, o *fado*, a *folia*, a *valsa*, a *polka*, a *maçurka*, etc.

Os selvagens não tem, verdadeiramente, dansas, mas sim, bailes, o *batuque* e tantos outros em que ha saltos e cabriolas.

Todas as especies de dansas enumerados e os *minuetes*, *schotish*, *sarrouge*, *imperiales*, *cotillon* e *lanceiros*, etc., etc., fôram apparecendo successivamente e marcando uma phase na choreographia. Essas phases, era justo que tivessem um complemento digno d'esta em que actualmente está a arte de Therpsycore e agora que existe a

successora á antiga *maladie du siècle*, a tal mania do *fin de siècle*, pois que, assim se denomina tudo quanto de notavel em todos os generos tem saído e sairá d'este escabujar em que derruem crenças, cujos montões de ruinas são novas construcções. Do cahos saiu a Terra, do escuro denso d'uma tempestuosa noite sae, tambem, ás vezes luz forte.



Fig. 1

No caminhar natural, n'este caso, não intermitente, isto é, referindo-nos á dança, appareceu o vertice que devia terminar a figura produzida pelas diversissimas especies de divertimentos gymnasticos chamados: bailes e dansas — a *dansa serpentina*.

Em Portugal diversas dansarinas tem apparecido como sendo a verdadeira auctora. A verdadeira chama se Loie Fuller, e tem trabalhado, primeiramente, em Paris, e depois em Berlim.

Na capital da França esteve ella dando exhibições seguidas por mais de dois annos.

Em fins de 1892 um auctor francez, dos mais conceituados mas indiscreto, diz: «ouvi que mademoiselle Loie Fuller, antes de, assim, seduzir Paris, tinha servido de modelo a mais de um dos nossos mais celebres pintores. É bastante graciosa e... bonita para isso. O que é certo é que é uma das curiosidades actuaes.»

A *dansa serpentina* foi creada em Lisboa, no «Real Colyseu», por mademoiselle Geraldine, uma formosa gymnasta, que fez epoca, ha dois annos, no «Colyseu dos Recreios», e ajudada por sua irmã Gracie.

Alguns mezes depois veio para o «Real Colyseu» uma dansarina serpentina, que tinha o nome de Ida Fuller.

Ha alguns dias, debutou no bello theatro do «Colyseu dos Recreios» uma outra dansarina de nome Mabelle Stuart, americana, diz-se. Já não está em Lisboa; — o seu trabalho era apparatuso e cremos que o melhor que em Lisboa se tem exhibido.

Scientificamente a *dansa serpentina* pouco valor tem: applicação da luz Drummond, corada variegadamente.

Supponhamos um gabinete fechado, completamente ás escuras, e só aberto na frente. Aos lados, encobertos, estão montados algunsapparelhos de luz Drummond * tendo por alvo a dansarina. Variam rapidamente de cor, por meio de lentes coloridas, ou outro processo, e assim obtem um effeito deslumbrante, pois que, ao mesmo tempo, a artista vestida com uma larga e farta tunica de tecidos brilhantes em que se envolve,

* Drummond (Thomaz) era um engenheiro inglez, discipulo dos sabios Brande e Faraday. Estando elle encarregado d'uns trabalhos geodesicos pensou que a incandescencia da cal era muito melhor para tornar mais viva e forte a luz dos reflectores geodesicos collocados nas estações mais distantes. Foi este invento que lhe deu a grande reputação e triste é que morresse novo, pois que já applicara a sua luz aos pharoes, o que é importante. Dublin ergueu lhe uma estatua.

«COLYSEU DOS RECREIOS»



Fig. 2 O helice.—Fig. 3 A espiral.

Fig. 4 e 5 As borboletas.

A DANÇA SERPENTINA POR MABELLE STUART

gira, volta-se, requebra-se de modo tal que nos dá as diferentes figuras cujos nomes são: as borboletas, as serpentes, o açafate, a espiral, o helice, etc., etc. As nossas gravuras representam as seguintes phases: Fig. 1 a hespanhola, Fig. 2 o helice, Fig. 3 a espiral e Fig. 4 e 5 as borboletas. Chega a ser surpreendente, a irrisação de cores, a graciosidade das fôrmas, que ora é um leque immenso, ora se abre como uma cauda de pavão, etc., e tanto que a *dansa serpentina* se tornou uma dansa que se estenderá até aos salões,

por ser facil, e que nós damos esta breve noticia por nos parecer de algum interesse actual.

E. P.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo = Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»
Para 1894

Já entraram no prélo as primeiras folhas d'este almanach.

Recebem-se annuncios até 31 d'este mez, na
Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade
de artistica e litteraria.

Adolpho, Medesto & C.^ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39